Lição 1: O que é a natureza? Que coisas têm uma natureza? Que coisas são 'segundo a natureza'?

Bekker: 192 b 8-193 a 8

141. Após o Filósofo ter tratado dos princípios das coisas naturais no Livro I, ele trata aqui dos princípios da ciência natural.

Ora, as coisas que devemos conhecer primeiro em qualquer ciência são seu objeto e o método pelo qual ela demonstra.

Por isso, o Livro II se divide em duas partes. Primeiro, ele determina que coisas pertencem à consideração da ciência natural; e, em segundo lugar, onde diz: "Agora que estabelecemos..." (194 b 16; L5 #176ss), ele aponta as causas a partir das quais ela demonstra.

A primeira parte se divide em duas partes. Primeiro, ele mostra o que é a natureza. Em segundo lugar, onde diz: "Distinguimos..." (193 b 23; L3 #157ss), ele determina que coisas a ciência natural considera.

A primeira parte se divide em duas partes. Primeiro, ele mostra o que é a natureza. Em segundo lugar, o número de maneiras [pelas quais o nome natureza é usado] é apontado, onde diz: "Alguns identificam..." (193 a 9; L2 #149ss).

A primeira parte se divide em duas partes. Primeiro, ele mostra o que é a natureza. Em segundo lugar, onde diz: "Que a natureza existe..." (193 a 2 #148), ele refuta a posição daqueles que tentam demonstrar que a natureza existe.

Quanto à primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, ele declara o que é a natureza. Em segundo lugar, onde diz: "Coisas 'têm uma natureza'" (192 b 33 #146), ele designa aquelas coisas que são chamadas de 'natureza'.

Quanto à primeira parte, ele faz três pontos. Primeiro, ele investiga a definição de natureza. Em segundo lugar, ele chega à definição, onde diz: "... natureza é..." (192 b 22 #145). Em terceiro

lugar, ele explica essa definição, onde diz: "Digo..." (192 b 23 #145).

142. Ele diz, portanto, primeiro que dizemos que de todos os entes, alguns são por natureza, enquanto outros são por outras causas, por exemplo, por arte ou por acaso.

Ora, dizemos que as seguintes coisas são por natureza: todo tipo de animal e suas partes, como carne e sangue, e também plantas e corpos simples, i.e., os elementos, como terra, fogo, ar e água, que não são resolvidos em quaisquer corpos anteriores. Pois essas e todas as coisas semelhantes a elas são ditas ser por natureza.

Todas essas coisas diferem das coisas que não são por natureza porque todas as coisas desse tipo parecem ter em si mesmas um princípio de movimento e repouso; algumas quanto ao lugar, como os pesados e os leves, e também os corpos celestes; algumas quanto ao aumento e à diminuição, como os animais e as plantas; e algumas quanto à alteração, como os corpos simples e tudo o que é composto deles.

Mas as coisas que não são por natureza, como uma cama e vestimentas e coisas semelhantes, que são assim chamadas porque são por arte, não têm em si mesmas nenhum princípio de mutação, exceto *per accidens*, na medida em que a matéria e a substância dos corpos artificiais são coisas naturais. Assim, na medida em que as coisas artificiais são feitas de ferro ou pedra, elas têm um princípio de movimento em si, mas não na medida em que são artefatos. Pois uma faca tem em si mesma um princípio de movimento para baixo, não na medida em que é uma faca, mas na medida em que é ferro.

143. Mas não parece ser verdade que em toda mudança das coisas naturais haja um princípio de movimento naquilo que é movido. Pois na alteração e na geração dos corpos simples, todo o princípio do movimento parece vir de um agente externo. Por exemplo, quando a água é aquecida, ou o ar é convertido em fogo, o princípio da mudança vem de um agente externo.

Portanto, alguns dizem que mesmo nessas mudanças há um princípio ativo de movimento naquilo que é movido, não perfeitamente, mas imperfeitamente, princípio este que auxilia a ação do agente externo. Pois dizem que na matéria há uma certa incoatividade da forma, que chamam de privação, o terceiro princípio da natureza. E diz-se que as gerações e alterações dos corpos simples procedem desse princípio intrínseco.

Mas isso não é possível. Visto que uma coisa age apenas na medida em que está em ato, o referido estado incoativo da forma, por não ser ato, mas uma certa disposição para o ato, não pode ser um princípio ativo. Além disso, ainda que fosse uma forma completa, não agiria sobre seu próprio sujeito alterando-o. Pois a forma não age; quem age é o composto. E o composto não pode alterar a si mesmo a menos que haja nele duas partes, uma que altera e outra que é alterada.

144. E assim, deve-se dizer que um princípio de movimento está nas coisas naturais do modo como o movimento lhes pertence. Portanto, naquelas coisas às quais cabe mover, há um princípio ativo de movimento. Enquanto naquelas às quais cabe ser movido, há um princípio passivo, que é a matéria. E este princípio, na medida em que tem uma potência natural para tal forma e movimento, torna o movimento natural. E por esta razão a produção das coisas artificiais não é natural. Pois, embora o princípio material esteja naquilo que vem a ser, ele não tem uma potência

natural para tal forma.

Assim também o movimento local dos corpos celestes é natural, embora provenha de um motor separado, na medida em que no próprio corpo celeste há uma potência natural para tal movimento.

No entanto, nos corpos pesados e leves há um princípio formal de movimento. (Mas um princípio formal desse tipo não pode ser chamado de potência ativa à qual esse movimento pertence. Em vez disso, é entendido como uma potência passiva. Pois a gravidade na terra não é um princípio para mover, mas sim para ser movido.) Pois, assim como os outros acidentes são consequentes à forma substancial, também o é o lugar, e, portanto, também o "ser movido para o lugar". Contudo, a forma natural não é o motor. O motor é o que gera e dá uma forma tal e qual, à qual tal movimento se segue.

145. Em seguida, onde ele diz: "... a natureza é..." (192 b 22), ele conclui do exposto a definição de natureza da seguinte maneira.

As coisas naturais diferem das não naturais na medida em que têm uma natureza. Mas diferem das não naturais apenas na medida em que têm em si mesmas um princípio de movimento. Portanto, a natureza nada mais é do que um princípio de movimento e repouso naquilo em que está primariamente e *per se*, e não *per accidens*.

Agora, 'princípio' é colocado na definição de natureza como seu gênero, e não como algo absoluto, pois o nome 'natureza' envolve uma relação com um princípio. Pois diz-se que nascem aquelas coisas que são geradas após terem sido unidas a um gerador, como é claro nas plantas e nos animais; assim, o princípio de geração ou movimento é chamado de natureza. Por isso, são dignos de riso aqueles que, desejando corrigir a definição de Aristóteles, tentaram definir a natureza por algo absoluto, dizendo que a natureza é uma potência sediada nas coisas ou algo desse tipo.

Além disso, a natureza é chamada de princípio e causa para apontar que, naquilo que é movido, a natureza não é um princípio de todos os movimentos da mesma maneira, mas de maneiras diferentes, como foi dito acima [#144].

Ademais, ele diz que a natureza é um princípio 'de movimento e repouso'. Pois aquelas coisas que são naturalmente movidas para um lugar também, ou ainda mais naturalmente, repousam nesse lugar. Por causa disso, o fogo é naturalmente movido para cima, uma vez que é natural para ele estar lá. E pela mesma razão, tudo pode ser dito mover-se naturalmente e repousar naturalmente em seu lugar. Isso, no entanto, não deve ser entendido como significando que em tudo que é movido naturalmente a natureza é também um princípio de repouso. Pois um corpo celeste é de fato movido naturalmente, mas não repousa naturalmente. Mas, no geral, pode-se dizer que a natureza não é apenas um princípio de movimento, mas também de repouso.

Além disso, ele diz "naquilo em que está" para diferenciar a natureza das coisas artificiais nas quais há movimento apenas *per accidens*.

Então ele acrescenta "Primariamente" porque, embora a natureza seja um princípio do movimento das coisas compostas, no entanto não o é primariamente. Por isso, o fato de um animal ser movido

para baixo não se deve à natureza do animal enquanto animal, mas à natureza do elemento dominante.

Ele explica por que diz "*per se* e não *per accidens*" onde diz: "Digo 'não em virtude de...'" (192 b 24).

Às vezes acontece que um médico é a causa de sua própria saúde, e assim o princípio de sua própria cura está nele, mas *per accidens*. Portanto, a natureza não é o princípio de sua cura. Pois não é na medida em que ele é curado que ele tem a arte da medicina, mas na medida em que ele é médico. Por isso, acontece que o mesmo ser é médico e é curado, e ele é curado na medida em que está doente. E assim, porque essas coisas estão unidas *per accidens*, também são por vezes separadas *per accidens*. Pois uma coisa é ser um médico que cura, e outra coisa é ser uma pessoa doente que é curada. Mas o princípio de um movimento natural está no corpo natural que é movido na medida em que é movido. Pois na medida em que o fogo tem leveza, ele é levado para cima. E essas duas coisas não estão divididas uma da outra, de modo que a leveza seja diferente do corpo que é movido para cima. Pelo contrário, são sempre uma e a mesma coisa. E todas as coisas artificiais são como o médico que cura. Pois nenhuma delas tem em si o princípio de sua própria fabricação. Em vez disso, algumas delas vêm a ser a partir de algo externo, como uma casa e outras coisas que são esculpidas à mão, enquanto outras vêm a ser através de um princípio intrínseco, mas *per accidens*, como foi dito [#142]. E assim foi declarado o que é a natureza.

146. Em seguida, onde ele diz: "Coisas 'têm uma natureza'..." (192 b 33), ele define aquelas coisas que recebem o nome 'natureza'.

Ele afirma que aquelas coisas que possuem em si mesmas um princípio de seu movimento têm uma natureza. E tais são todos os sujeitos da natureza. Pois a natureza é um sujeito na medida em que é chamada de matéria, e a natureza está em um sujeito na medida em que é chamada de forma.

147. Em seguida, onde ele diz: "O termo 'segundo a natureza'" (192 b 35), ele explica o que é "segundo a natureza".

Ele afirma que "ser segundo a natureza" é dito tanto dos sujeitos cuja existência provém da natureza quanto dos acidentes que estão neles e são causados por tal princípio. Assim, ser levado para cima não é uma natureza em si, nem tem natureza, mas é causado pela natureza.

E assim foi declarado o que é a natureza, o que é que tem natureza e o que é "segundo a natureza".

148. Em seguida, onde ele diz: "Que a natureza existe..." (193 a 2), ele nega a posição presunçosa daqueles que desejam demonstrar que a natureza existe.

Ele afirma que é ridículo alguém tentar demonstrar que a natureza existe. Pois é manifesto aos sentidos que muitas coisas são provenientes da natureza, as quais possuem em si mesmas o princípio de seu próprio movimento. Desejar, além disso, demonstrar o óbvio pelo que não é óbvio é marca de um homem que não consegue julgar o que é conhecido em si mesmo e o que não é conhecido em si mesmo. Pois quando ele deseja demonstrar aquilo que é conhecido em si mesmo,

ele usa aquilo que é conhecido em si mesmo como se não fosse conhecido em si mesmo. E é claro que algumas pessoas fazem isso. Um homem que nasce cego pode, às vezes, raciocinar sobre cores. Mas aquilo que ele usa como princípio não lhe é conhecido *per se*, porque ele não tem compreensão da coisa. Em vez disso, ele usa apenas nomes. Pois nosso conhecimento tem origem nos sentidos, e quem carece de um sentido carece de uma ciência. Assim, aqueles que nascem cegos e nunca percebem a cor não conseguem entender nada sobre cor. E, portanto, usam o desconhecido como se fosse conhecido. E o contrário se aplica àqueles que desejam demonstrar que a natureza existe. Pois eles usam o conhecido como se não fosse conhecido. A existência da natureza é conhecida *per se*, na medida em que as coisas naturais são manifestas aos sentidos. Mas o que é a natureza de cada coisa, ou qual é o princípio de seu movimento, não é manifesto.

Portanto, fica claro a partir disso que Avicena, que desejava que fosse possível provar a existência da natureza, tentou irrazoavelmente refutar o que Aristóteles disse. No entanto, Avicena não desejava provar isso a partir das coisas naturais, pois nenhuma ciência prova seus próprios princípios. Mas a ignorância dos princípios motores não significa que a existência da natureza não seja conhecida *per se*, como foi dito.

Revision #2
Created 27 September 2026 17:41:00 by Admin
Updated 1 October 2026 23:36:02 by Admin